



# LEITURAS POSSÍVEIS DAS CARTAS 76 DO APFB E 79 DO ALS: ESBUGALHADO<sup>1</sup>

---

POTENTIAL INTERPRETATIONS OF DIALECT WORDS ON  
LINGUISTIC MAPS IN APFB AND ALS ATLASES: POPPED  
EYE

Angelo de Souza Sampaio<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Bahia (UFBA)*

**Resumo:** No intuito de delimitar geograficamente as variantes existentes no português brasileiro, e para melhor compreender como se dá o processo de dialeção desta língua, decidiu-se, em 1952, pela realização do Atlas Linguístico do Brasil, tendo como ponto de partida a concepção do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado em 1963 por Nelson Rossi. Embora a criação do APFB tenha sido de extrema importância para os estudos dialetais no Brasil, a metodologia escolhida para a sua elaboração limita o acesso de novos leitores, uma vez que, para a sua compreensão, são exigidos conhecimentos linguísticos prévios. Diante disto, o presente trabalho busca simplificar a leitura da carta 76 do APFB e da carta 79 do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), composto em 1987 sob a mesma metodologia do APFB, de autoria de Carlota Ferreira e outras, ambas compostas dos resultados linguísticos obtidos através de inquéritos realizados *in loco*, visando encontrar lexias utilizadas para designar o olho saliente (*esbugalhado*). Para torná-las de fácil acesso a qualquer tipo de leitor, espera-se sugerir três generalizações: a) do fonético para o grafemático; b) do grafemático para o simbólico; c) do simbólico para possíveis isoglossas. Para tanto, são propostas leituras que permitam confrontar

---

<sup>1</sup> Estudo apresentado como trabalho final da disciplina LET667 – A variação espacial do Português do Brasil – ministrada pelas professoras Silvana Ribeiro e Suzana Cardoso, durante o semestre 2015.1. Nota do autor:

<sup>2</sup> [angelosampaio84@gmail.com](mailto:angelosampaio84@gmail.com).

---

as semelhanças e/ou divergências entres os falares dos dois estados. Como resultado final, almeja-se realizar a junção das duas cartas, cartografando os dados encontrados nos estados da Bahia e de Sergipe em um único mapa geográfico. Ademais, interpretações da provável origem ou da conceitualização de determinadas lexias presentes nas cartas, assim como a verificação da dicionarização destes termos, também serão objeto de análise ao longo deste artigo.

**Palavras-chave:** Geolinguística; APFB; ALS; Olho Saliente; Ebugalhado.

**Abstract:** *The Linguistic Atlas of Brazil (1952) was organized in order to classify variations in Brazilian Portuguese geographically and had the publication of *Altas Prévios dos Falares Baianos* (APFB) in 1963 by Nelson Rossi as its starting point. This atlas also aims to understand how dialects in this language come into being. Although it is a publication of extreme importance for dialect studies in Brazil, the methodology drawn on for its production limits new readers, since it requires prior linguistic knowledge. Hence, this article seeks to facilitate the reading of map 76 in APFB and map 79 in the Linguistic Atlas of Sergipe (LAS), published in 1987 by Carlota Ferreira et al. Those maps were both made out of linguistic data gathered in interviews carried out in loco so that words referring to the term 'protuberant eye' (**popped eye**) could be identified. Three types of general categories are suggested in order to make them accessible to any reader: a) from phonetic to graphemic; b) from graphemic to symbolic; c) from symbolic to potential isoglosses. Thus, readings that allow the comparison of similarities and differences in the dialects of both states are proposed. Ultimately, it is considered a fusion of both maps into a single one by plating the speech data found in the states of Bahia and Sergipe. Moreover, interpretations of the possible origins or conceptualization of specific words found in both maps, as well as their inclusion in dictionaries, will also be an object of analysis of this research.*

**Keywords:** Geolinguistics; APFB; LAS; Protuberant Eye; Popped eye.

## INTRODUÇÃO

Tendo suas primeiras manifestações em 1826, “ano de publicação do texto de Visconde de Pedra Branca” (CARDOSO, 2009, p. 142), contribuição dada ao geógrafo Adrien Balbi acerca do português brasileiro, os estudos dialetais no Brasil têm se mostrado de fundamental importância para a construção da consciência da diversidade linguística presente no país.

A dialetologia no Brasil está, atualmente, dividida em quatro fases, tendo a transição de cada uma delas marcada por publicações (cf. CARDOSO 2009, 2010) que contribuíram para o enriquecimento e amadurecimento não apenas do como desenvolver pesquisas em estudos dialetais, mas também da forma de se registrar os dados encontrados durante as investigações. A este propósito, encontra-se, na terceira fase dos estudos dialetais, a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), doravante APFB, passo inicial para a criação do Atlas Linguístico do Brasil.

Considerando as cartas 76 e 79 (fig. 1 e 2), extraídas do APFB, e do *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), doravante ALS, respectivamente, e considerando ainda que uma das principais funções dos atlas linguísticos é de

“sugerir caminhos e inspirar interpretações” (CARDOSO, 2010, p.16) pretende-se apresentar aqui algumas possíveis leituras para as já mencionadas cartas que têm como finalidade expor os dados linguísticos obtidos para designar *olho saliente – esbugalhado* – nas 50 localidades do estado da Bahia e nas 15 localidades do estado de Sergipe onde foram feitos inquéritos para a composição dos atlas.

## 1 PRIMEIRA LEITURA: DO FÔNICO AO GRAFEMÁTICO

Com o intuito de registrar as variantes de pronúncia de cada localidade, os dados que compõem o APFB e o ALS foram cartografados a partir da transcrição fonética de cada realização na rede de pontos demarcada no mapa geográfico. “Os chamados atlas de primeira geração” (CARDOSO, 2010, p. 78) utilizavam tal metodologia. No entanto, salvo a existência de Cartas Resumo que, como o nome sugere, simplificam sua compreensão, a escolha deste método limita o acesso de novos leitores, uma vez que o entendimento das cartas linguísticas restringe-se aos conhecedores do alfabeto fonético<sup>3</sup>. Assim, visando simplificar a leitura das lexias presentes nas cartas, optou-se por deixar de lado as variantes fônicas de suas realizações, tanto na carta 76 do APFB como na 79 do ALS. Logo, foram encontradas as seguintes designações:

Carta 76 do APFB		Carta 79 do ALS	
1. Sapocado	(16 localidades)	1. Esbugalhado	(5 localidades)
2. Estufado	(10 localidades)	2. Estufado	(5 localidades)
3. Esbugalhado	(8 localidades)	3. Pulado	(2 localidades)
4. Botocado	(9 localidades)		
5. Pipocado	(7 localidades)		
6. (de) boi	(4 localidades)		
7. (de) boto	(2 localidades)		
8. Pegalado	(2 localidades)		

Quadro 1: Designações para *olho saliente* no APFB e ALS com mais de uma localidade.

Em apenas uma localidade	
Carta 76 do APFB	Carta 79 do ALS

<sup>3</sup> É importante lembrar que o APFB não utilizou o Alfabeto Fonético Internacional, o que se constitui em outra dificuldade para sua leitura.

9. Sabugado	4. (de) bugalho
10. Botudo	5. (de) corujão
11. (de) corujão	6. Botocado
12. (de) coculo	7. Pegalado
13. (de) Sapo-boi	
14. (de) cabra chumbada	
15. Estatelado	

Quadro 2: Designações para *olho saliente* no APFB e ALS em apenas uma localidade.

## 2 SEGUNDA LEITURA: DO GRAFEMÁTICO AO SIMBÓLICO

Identificadas por símbolos e cores, as denominações anteriormente descritas foram recartografadas, dando origem a duas novas cartas, trazidas ao final deste artigo. De modo a tornar a leitura dessas cartas mais rápida, foram apresentadas apenas as quatro e as três denominações mais frequentes da carta 76 do APFB (fig. 3) e da carta 79 do ALS (fig. 4), respectivamente. Todas as outras foram agrupadas em um único item, intitulado **outras denominações**, que se encontra representado pela cor verde em ambas as cartas.

Quanto à distribuição espacial das designações mais frequentes na carta 76 do APFB, observa-se que a lexia de maior ocorrência, **sapocado** (cor-de-rosa), concentra-se no entorno do rio Paraguaçu (pontos 4, 18, 20 e 29), expandindo-se para o norte (pontos 13, 16, 17, 19 e 27) e para o sul (pontos 21, 22, 23) do estado, com três ocorrências no litoral (pontos 5, 6 e 8) e uma ocorrência na cidade de Macaúbas (ponto 34).

Embora tenha sido registrada em menor número, a lexia **estufado** (amarelo) encontra-se espalhada em quase todo o estado baiano, salvo a região do rio Paraguaçu: duas ocorrências no litoral (pontos 5 e 9), uma ocorrência no extremo sul (ponto 50), uma ocorrência no sudoeste (ponto 25), uma ocorrência na região da Chapada Diamantina (ponto 31), uma ocorrência no oeste (ponto 49), duas ocorrências no Centro Norte Baiano (pontos 26 e 27) e duas ocorrências no nordeste do estado (pontos 13 e 37).

Observa-se que a forma que dá nome à carta, **esbugalhado** (azul), agrupa-se no centro do estado, passando pelas regiões do Médio São Francisco, Chapada Diamantina e Paraguaçu, com cinco ocorrências (pontos 18, 30, 31, 32 e 43). Contudo, verifica-se também uma ocorrência na Serra Geral e outra no sudoeste do estado (pontos 24 e 36). Ao norte, no Baixo Médio São Francisco, encontram-se mais duas ocorrências (pontos 39 e 40).

---

Por fim, apesar de a lexia **botocado** (vermelho) aparecer em duas ocorrências no litoral (pontos 6 e 9), em duas ocorrências no oeste (pontos 46 e 49) e em uma ocorrência na região de Piemonte da Diamantina (ponto 30), é às margens do São Francisco que ela se concentra em maior quantidade, com três ocorrências (pontos 39, 41 e 43).

Vale ressaltar que os pontos 3, 28, 33, 35, 38, 42, 44, 45, 47 e 48 do APFB não registram a ocorrência de nenhuma denominação.

No que tange à carta 79 do ALS, observa-se que a forma **esbugalhado** (azul) está presente no leste do estado, passando pelo Sul (pontos 51 e 53), pela região da Grande Aracaju (ponto 56), subindo pelo Sertão Sergipano (ponto 63) e descendo pelo Baixo São Francisco Sergipano (ponto 61). A lexia **estufado** (amarelo), por sua vez, percorre quase toda a margem do Rio São Francisco em três ocorrências (pontos 61, 62 e 65), deixando de lado apenas o ponto 64. Entretanto, ela reaparece em duas ocorrências na Grande Aracaju (pontos 57 e 59). A designação **pulado** (vermelho), por outro lado, ocorre apenas duas vezes: uma no Alto Sertão Sergipano, à margem do São Francisco (ponto 64), e outra no Sul Sergipano (ponto 54).

Assim como no APFB, algumas localidades do ALS não apresentam nenhuma ocorrência na carta original. Trata-se dos pontos 52, 55, 58 e 60. Contudo, nas notas da carta, há a informação de que “a pergunta deixou de ser aplicada no ponto 55 (inf. A)” (FERREIRA et al., 1987).

### 3 TERCEIRA LEITURA: POSSÍVEIS ISOGLOSSAS

Ao prosseguir com a leitura das novas cartas, observa-se que este tipo de apresentação de dados cartografados, com menor variedade de informações, é descrito por Cardoso (2010, p. 83) quando ela afirma que as cartas linguísticas simplificadas são

Cartas com indicação exclusiva da variação diatópica, ou seja, definida a rede de pontos, situam-se as ocorrências por localidades, sem controle de informante, sem notas complementares às respostas. São cartas que permitem o reconhecimento de áreas dialetais com o traçado de **isoglossas**.  
(grifo nosso)

Sendo assim, buscou-se traçar isoglossas, isto é “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas” (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 12-13), com os dados encontrados tanto no estado da Bahia como em Sergipe. A princípio, esperava-se encontrar dados

---

suficientes para que fosse possível traçar feixes de isoglossas, ou seja, “um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras” (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p.16), com aos menos três sobreposições. Porém, como pode ser observado nas cartas Possíveis Isoglossas (fig. 5, 6 e 7), não se obteve nenhum feixe de isoglossas.

Diante de casos como esse, não obstante, Cardoso (2010, p. 15) alerta que O interesse, portanto, por esse tipo de informação está não apenas no registro de dados intercomparáveis, mas também na verificação da sua **ausência**. O vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinente para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos. (grifo nosso)

Sendo assim, ao observar a carta 76 do APFB, nota-se que a ocorrência **sapocado** forma uma grande isoglossa, concentrada ao leste do estado, e duas outras, compostas por apenas uma localidade (pontos 13 e 34). A designação **estufado**, por outro lado, dá origem a quatro pequenas isoglossas, uma no extremo sul, uma no centro-sul, e outra no nordeste do estado. Ao centro, porém, encontra-se a quarta isoglossa, onde, no ponto 27, intersecciona-se com **sapocado**. A ocorrência **esbugalhado**, por seu lado, apresenta três isoglossas: a primeira delas estando no centro sul baiano, a segunda, no centro do estado em interseção com **sapocado** no ponto 18 e a terceira, às margens do São Francisco. No que concerne à lexia **botocado**, esta gera sete isoglossas, sendo quatro delas com apenas um ponto que apresentam convergência com as isoglossas **esbugalhado**, nos pontos 30 e 43, **sapocado**, no ponto 6, e **estufado**, no ponto 9. As outras três encontram-se assim distribuídas: duas isoladas, uma ao extremo oeste e outra às margens do São Francisco, e mais uma com ligação a **esbugalhado** nos pontos 39.

Ora, se a ausência de dados também é informação, algumas inferências são aplicáveis à carta 76: a) nota-se que não há nenhuma interseção entre mais de duas isoglossas. O único momento em que as quatro realizações se aproximam é ao redor do ponto 28, na cidade de Mundo Novo. A carta original do APFB, porém, não apresenta respostas para este ponto. Logo, acredita-se que este pudesse ser o ponto de encontro entre as quatro lexias; b) a lexia **botocado** aparece em três das oito localidades presentes às margens do rio São Francisco contra três ocorrências de **esbugalhado** e uma de **estufado**. Porém, três outras localidades não apresentam respostas na carta original: são os pontos 38, 42 e

---

45. Assim, a ausência de informação deixa margem para a dúvida de qual seria a denominação predominante no entorno do São Francisco.

No que concerne à carta 79 do ALS, observa-se que há apenas um ponto de interseção entre as isoglossas: ponto 61, entre **esbugalhado** e **estufado**. Diante do exposto, algumas interpretações também podem ser aplicadas: a) os pontos 52 e 58, que fazem fronteira com o estado da Bahia, não apresentam respostas nas cartas originais, impossibilitando a verificação de uma possível semelhança com as denominações presentes do outro lado da fronteira; b) das quatro localidades que circundam o lado sergipano do rio São Francisco, três apresentam a lexia **estufado**, em conformidade com o ponto 37, localidade também ribeirinha, e o ponto 13 do APFB, ambos muito próximos ao estado de Sergipe (fig. 7). Assim, acredita-se que a realização **estufado** seja característica do Baixo Médio São Francisco, tanto do lado baiano como sergipano, mesmo que o ponto 38 do APFB não apresente respostas.

#### 4 CONCEITUALIZAÇÃO

Há muito, a riqueza da diversidade linguística do português brasileiro vem sendo objeto de estudos e análises. Isto porque

O Brasil apresenta-se como uma terra de grandes contrastes, marcada pela heterogeneidade cultural, social e econômica que se vai refletir, também, na língua portuguesa, hoje majoritariamente falada. A diversidade da língua está, pois, vinculada à diversidade cultural tomada nos seus mais diferenciados aspectos. (CARDOSO, 2010, p. 178).

Esta é, também, a visão de Vasconcellos (1987, p. 134) ao reconhecer que “o Brasil, por causa de sua extensão e da variedade de raças que o povoa, nos oferece diferenças dialetais<sup>4</sup>” que, encaradas como

Traços que são regionais, definidores de áreas geográficas, afetam a todos os falantes da região, não se constituindo, **no seu interior**, como distintivo de classes sociais e, portanto, estigmatizantes. Apresentam-se, ao contrário, como manifestações do padrão, da norma linguística da área e, portanto, perfeitamente incorporados na fala de todos os usuários do português (grifos nossos). (CARDOSO, 2010, p. 178).

Por outro lado, quando olhada de fora, a consciência da existência de um falar heterogêneo e da amplitude de usos do português brasileiro como marca

---

<sup>4</sup> No original: Le Brésil, à cause de son extension et de la variété des races qui le pleuplent, nos offre différences dialectales. (tradução para o português nossa)

identitária de determinada região ou de determinado grupo de pessoas não é tão evidente quanto se espera. Apesar do avanço dos estudos sociolinguísticos, ainda há no Brasil um falar tido como culto, padrão, que se crê superior em detrimento a outras variantes:

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe, [...], *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (grifos do autor). (BAGNO, 2006, p. 40)

Diante disto, estima-se que é necessário verificar a dicionarização das designações aqui expostas. Não apenas porque, através dos dicionários, pode-se ter uma ideia do quão regional estas denominações podem ser e, talvez, assim, compreender a dimensão do preconceito lingüístico que possa rodeá-las, mas, também, porque os dicionários nos permitem inferir sobre a possível origem ou formação desses termos. *A priori*, foram consultados dois dicionários de língua portuguesa: o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA et al., 2004) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS et al., 2009). Como pode ser visto a seguir, em ordem alfabética, ambos os dicionários apresentam as mesmas lexias, com praticamente a mesma conceitualização:

Botocado:

Aurélio	Houaiss
<b>botocar:</b> V. int. <i>Bras.</i> Saltar para fora; sair. [Cf. <i>butucar</i> . Conjug.: v. trancar.]. (FERREIRA et al., 2004, p. 321)	<b>botocar:</b> v. (1899) <i>B infrm. Int.</i> Saltar para fora, sair. ETIM talvez <i>botoque+ar</i> com adp. -qu/-c-. PAR <i>butucar</i> (vários tempos do v.). (HOUAISS et al., 2009, p. 318)
<b>botoque:</b> [...] Adorno facial em forma de disco ou botão, feito de madeira leve e provido ou não de pendentos (como varetas, contas ou plumas), que se prende a um furo no lábio ou na orelha; [...]. (FERREIRA et al., 2004, p. 322)	<b>Botoque:</b> s.m. [...] 3 ETN <i>B</i> peça arredondada de madeira, pedra ou concha, us. como enfeite pelos botocudos e outros indígenas sul-americanos, que a introduzem em furos no lábio inferior ou nos lóbulos das orelhas [...]. (HOUAISS et al., 2009, p. 319)

Quadro 3: Botocado em Ferreira et al. (2004) e Houaiss (2009).

Neste caso, nota-se que nem o dicionário Aurélio<sup>5</sup> nem o Houaiss registra o uso de *botocado*. Porém, ambos apresentam o verbo *botocar* e o substantivo

<sup>5</sup> Embora a referência correta para o dicionário Aurélio seja FERREIRA (2004), optou-se, aqui, por referir-se a ele pelo primeiro nome do autor. Isto devido a sua ampla difusão com tal nomenclatura.



masculino *botoque*. O significado apresentado tanto para o verbo quanto para o substantivo também coincide entre os dicionários, com pequenas variações. Em resumo, têm-se as seguintes informações: a) observa-se que *botoque*, adorno facial utilizado por determinadas tribos indígenas, é muito parecido com o atual alargador, que, como o próprio nome diz, tem a função de alargar os lóbulos das orelhas, deixando-as salientes; b) a partir do substantivo *botoque*, cria-se o verbo *botocar*, seguindo o modelo dos verbos regulares de primeira conjugação, com a vogal temática -a-, substituindo -qu- por -c- na ortografia.

Assim, pode-se inferir sobre a formação de *botocado* que esta seja, na verdade, a construção do particípio do verbo botocar: tema (botoca-) acrescido da desinência -do. Sabe-se, ainda, que “o particípio pode valer por um adjetivo” (BECHARA, 2014, p. 60). Portanto, em analogia aos que têm alguma parte do corpo sobressaída por *botoques*, aquele que tem os olhos salientes é um *botocado*.

Esubugalhado:

Aurélio	Houaiss
<b>esbugalhado</b> . [Part. de esbugalhar.] <i>Adj.</i> Diz-se dos olhos muito salientes ou arregalados. (FERREIRA et al., 2004, p. 784)	<b>esbugalhado</b> <i>adj.</i> (1544) muito aberto ou muito saliente (diz-se de olho); abugalhado, bugalhudo. ETIM part. de <i>esbugalhar</i> . SIN/VAR Ver sinonímia de <i>saliente</i> . ANT Ver antonímia de <i>saliente</i> . (HOUAISS et al., 2009, p. 794)

Quadro 4: Esubugalhado em Ferreira et al. (2004) e Houaiss (2009).

Diferentemente das demais denominações, **esbugalhado** é a única que traz, pelos dois dicionários, uma conceitualização condizente com as cartas linguísticas aqui estudadas: olho saliente. Portanto, considera-se que não haja necessidade de maior aprofundamento de análises quanto a esta ocorrência.

Estatelado:

Aurélio	Houaiss
<b>estatelado</b> . [Part. de estatelar.] <i>Adj.</i> 1. Que se estatelou. 2. Estirado ou estendido ao comprido; escarrapachado: <i>Caiu estatelado no chão</i> . 3. Espantado, admirado, atônito. 4. Parado, hirto, imóvel; estático: <i>Aquela notícia deixou-o estatelado</i> . (FERREIRA et al., 2004, p. 824)	<b>estatelado</b> <i>adj.</i> (1727) 1 Que se estatelou 2 estendido, chapado <a triste visão de um mendigo e. no meio-fio> 3 imóvel como estátua. ETIM part. de <i>estatelar</i> . (HOUAISS et al., 2009, p. 830)

Quadro 5: Estatelado em Ferreira et al. (2004) e Houaiss (2009).

No tocante à lexia **estatelado**, atenta-se para o fato de que, assim como as duas primeiras denominações, esta também é uma ocorrência que exhibe

características de adjetivação, derivada, como mostram os dicionários, por meio do verbo estatelar. Em termos de conceitualização, os dicionários compartilham duas definições: a) caído ou estendido no chão; b) imóvel ou paralisado.

Entretanto, nenhum desses conceitos justifica, à primeira vista, o seu uso no sentido de olho saliente. Para tanto, é necessário que se faça uma análise de cunho metafórico: imagina-se uma pessoa que, por impulso, sobressaltada com uma má notícia, arregala os olhos e assim permanece paralisada, estatelada. Em vista disso, pode-se concluir que o termo estatelado faz referência a alguém que, involuntariamente, arregala os olhos de medo ou susto, tornando-os salientes.

Estufado:

Aurélio	Houaiss
<b>estufado.</b> [Part. de estufar <sup>1</sup> .] <i>Adj.</i> 1. Metido ou seco em estufa. <b>S. m.</b> 2. <i>Cul.</i> Refogado (2) cuja panela se conserva tapada enquanto está no fogo; afogado. [Cf. <i>estofado</i> , do v. <i>estofar</i> e adj. e s. m.]. (FERREIRA et al., 2004, p. 840)	<sup>1</sup> <b>estufado</b> [...] <sup>2</sup> <b>estufado</b> <i>adj.</i> <i>B infm.</i> que se estufou; intumescido, avolumado <bucho e.>. ETIM part. de <sup>2</sup> <i>estufar</i> . PAR ver <sup>1</sup> <i>estufado</i> . (HOUAISS et al., 2009, p. 845)

Quadro 6: Estufado em Ferreira et al. (2004) e Houaiss (2009).

No que se refere a esta designação, verifica-se que o dicionário Aurélio traz duas definições: a) aquilo que é posto em uma estufa; b) aquilo que é conservado em panela tapada. Obviamente, estas significações não apresentam nenhuma correlação com olho saliente. Em contrapartida, o dicionário Houaiss, além dos conceitos expostos pelo Aurélio, apresenta uma terceira opção: intumescido, avolumado. Neste caso, acredita-se vir daí a atribuição do sentido de olho saliente a estufado, pois aquele que tem os olhos avolumados seria, conseqüentemente, estufado.

Papoco:

Aurélio	Houaiss
<b>papoco</b> (ô). [Dev. De <i>papocar</i> .] <i>S. m. Bras. N. N.E. MG</i> Pipoco (q. v.) [...]. [Pl.: <i>papocos</i> (ô). Cf. <i>papoco</i> , do v. <i>papocar</i> .] <b>De papoco.</b> <i>Bras. Pop.</i> De primeira ondem; excelente, formidável; de truz: <i>Fez um discurso de papoco</i> . (FERREIRA et al., 2004, p. 1485)	<b>papoco</b> \ô\ <b>s.m.</b> (1899) <i>BN.BN.E. MG</i> m.q. <i>PIPOCO</i> ('estalo'). ETIM regr. de <i>papocar</i> . SIN/VAR ver sinonímia de <i>estrondo</i> . ANT ver antonímia de <i>estrondo</i> . HOM <i>papoco</i> (fl. <i>papocar</i> ). (HOUAISS et al., 2009, p. 1428)

Quadro 7: Papoco em Ferreira et al. (2004) e Houaiss (2009).

Ainda que ambos os dicionários apresentem **papoco** como uma expressão popular oriunda das regiões Norte e Nordeste do Brasil, assim como do estado de Minas Gerais, Aurélio e Houaiss divergem quanto à

conceitualização do termo. Para o primeiro, **papoco** é o mesmo que excelente, formidável, referente a algo feito de maneira exemplar. Para o segundo, por outro lado, o termo deve ser considerado como sinônimo de estalo, estrondo. Assim, acredita-se que a relação estabelecida com os olhos salientes esteja, mais uma vez, ligada à definição trazida por Houaiss, visto que, de forma metafórica, os olhos salientes estejam correlacionados a olhos que se estouraram da cavidade óssea, reproduzindo, deste modo, um papoco.

Sabugado:

Aurélio	Houaiss
<b>sabugado.</b> [Part. de sabugar.] <i>Adj. Bras CE Pop.</i> 1. Surrado, sovado, açoitado. 2. Alquebrado, enfraquecido, fraco. (FERREIRA et al., 2004, p. 1786)	<b>sabugado adj.</b> (sXX) CE infrm. 1 que recebeu uma surra; sovado, açoitado 2 que se apresenta abatido, cansado, enfraquecido; alquebrado. ETIM part. de <i>sabugar</i> . (HOUAISS et al., 2009, p. 1690)

Quadro 8: Sabugado em Ferreira et al. (2004) e Houaiss (2009).

Por fim, o último vocábulo que apresenta dicionarização, **sabugado**, é igualmente definido, com pequenas mudanças de redação, tanto no dicionário Aurélio como no Houaiss. Em ambos, o termo é definido como originário do estado do Ceará e é tido como sinonímia de cansado, enfraquecido, alquebrado. A associação deste termo a olho saliente provém, supõe-se, de um momento pontual onde, enfraquecido por um esforço sobre-humano, o indivíduo arregala os olhos tornando-os sabugados.

#### 4.1 Zoomorfismos

Também se faz pertinente a análise de algumas denominações que refletem a presença de zoomorfismos, isto é, a utilização da referência a animais para nomear outros itens do mundo biossocial. Observa-se que ocorreram, espalhadas em oito localidades do estado da Bahia e em uma de Sergipe, cinco designações vinculadas a animais, como se vê na carta Zoomorfismos (fig. 8). São elas: **(olho de) boi, boto, corujão, cabra chumbada e sapo-boi**.

De início, acreditava-se que estas definições eram feitas em analogia à figura do animal. Se aplicado a certos usos, tal raciocínio parece coerente, tendo em vista que alguns dos animais mencionados possuem, anatomicamente, olhos grandes e arregalados. É este o caso dos termos **corujão** e **sapo-boi**. Todavia, o mesmo não se aplica às demais lexias, uma vez que os animais aos quais elas se referem não dispõem de olhos preponderantemente grandes.

---

Desse modo, decidiu-se por recorrer a dicionários que pudessem, talvez, justificar o uso dos termos anteriormente citados com o sentido de olhos salientes. Os dicionários Aurélio e Houaiss foram consultados, não apresentando nenhuma definição. Recorreu-se a dois outros dicionários: *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas* (CORREA, 1926) e *Dicionário das plantas úteis do Brasil* (CRUZ, 1995). Um e outro registram as entradas **olho-de-boi** e **olho-de-cabra**<sup>6</sup> como plantas típicas brasileiras que dão frutos, grãos, que se assemelham aos olhos dos animais dos quais recebem o nome. Porém, visto que não estão presas a nenhuma cavidade óssea, as sementes dessas plantas aparentam ser maiores do que os olhos dos animais. Por isso, estima-se que a comparação feita aos olhos salientes se dá, na realidade, em analogia às plantas e não aos animais.

Contudo, estas lexias, incluindo **olho de boto** e **olho de cabra chumbada** (morta), também são apresentadas por Franco (s.d.) no *Dicionário de expressões populares brasileiras*. Aqui, evidencia-se que, com efeito, tais expressões são vinculadas a olho saliente: a) Para a entrada **olho-de-boi**, encontra-se, entre outras definições, “ôlho saliente, exorbitado” (FRANCO, (s.d.), p. 422); b) **Olho-de-cabra**, por sua vez, recebe a mesma definição trazida por Correa (1926) e Cruz (1995). Porém, a entrada **olho de cabra morta** é explicada como “olhar voluptuoso, lânguido. Também se diz olho-de-peixe-morto” (FRANCO, (s.d.), p. 422-423); c) Enfim, a lexia **olho de boto** recebe a significação de “olhar lúbrico, sensual” (FRANCO, (s.d.), p. 422).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em trabalho semelhante ao que este artigo se propõe, Mattos e Silva (1988, p. 61) ressalta que “a quantidade de informação lingüística que uma carta do APFB pode reunir é quase insuspeitável” (grifos da autora). À declaração da autora, este articulista acrescentaria que a gama de caminhos e possibilidades de leituras e interpretações passíveis de serem aplicadas a uma carta lingüística não se limita apenas ao APFB, mas, ao contrário, e como pôde ser visto ao longo deste artigo, a qualquer atlas lingüístico já existente no Brasil ou no mundo.

É claro que, por razões de tempo e escolhas pessoais, um recorte temático se fez, aqui, necessário. Tampouco se puderam esgotar todas as possibilidades de observações, já que se atentou à consulta de apenas três dicionários tidos

---

<sup>6</sup> Uma vez que as definições registradas nesses dicionários envolvem termos técnicos da botânica, considerou-se desnecessária a sua transcrição.



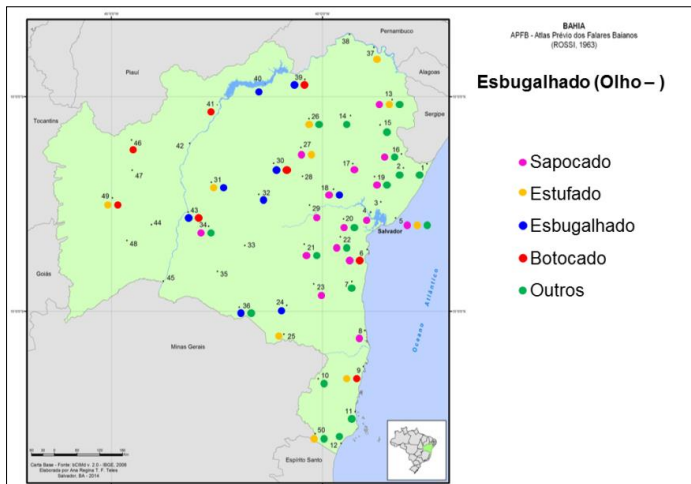


Figura 3: Carta 76 do APFB – proposta de leitura por SAMPAIO (2016).

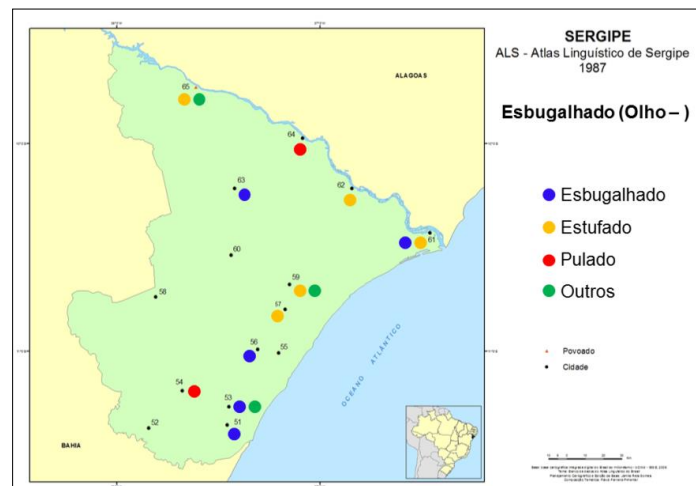


Figura 4: Carta 79 do ALS – proposta de leitura por SAMPAIO (2016).

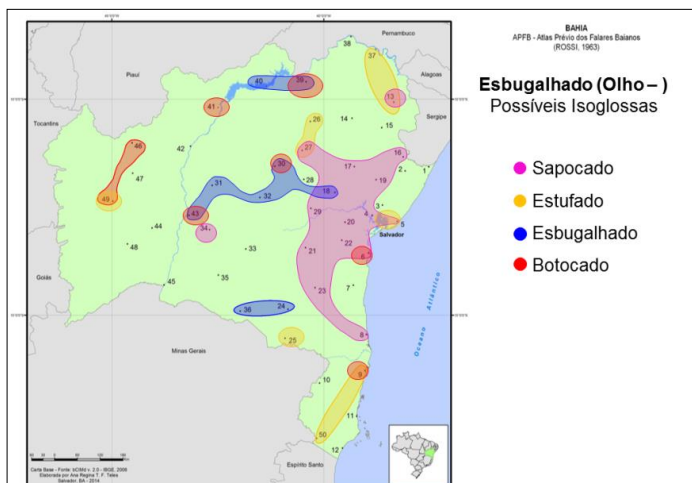


Figura 5: Carta76 do APFB representada por isoglossas – proposta de leitura por SAMPAIO (2016).

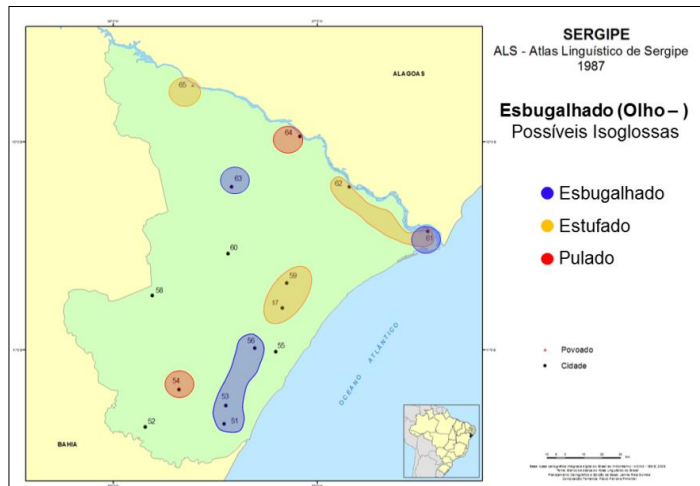


Figura 6: Carta 79 do ALS representada por isoglossas – proposta de leitura por SAMPAIO (2016).

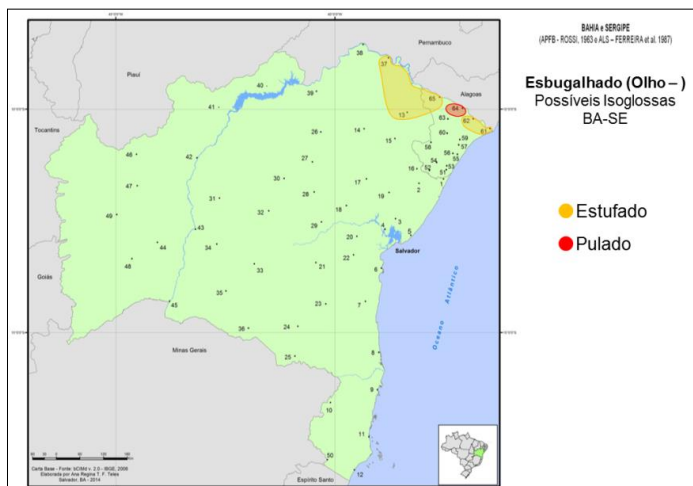


Figura 7: Lexias estufado e pulado representadas nos estados BA e SE.

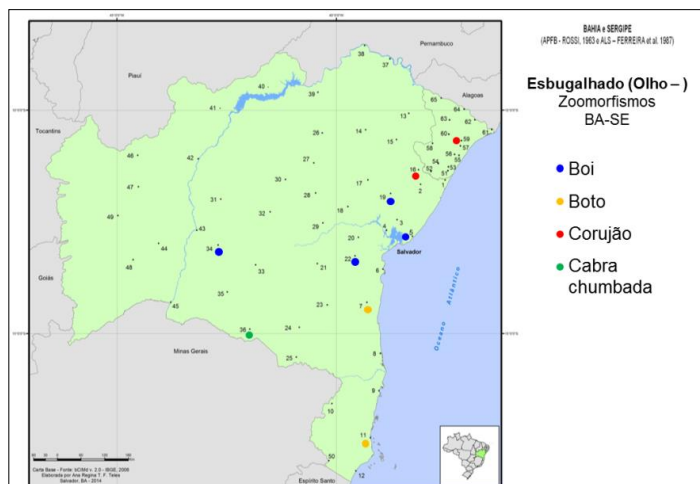


Figura 8: Zoomorfismos presentes nos estados BA e SE, a partir da leitura de APFB e ALS.

---

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 47 ed. São Paulo, SP: Loyola, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática fácil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Caminhos da Dialectologia brasileira. In: HORA, Dermeval da; ALVES, E. F.; ESPINDOLA, L. C. (Org.). *ABRALIN: 40 anos em cena*. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, v. 1, p. 137-171.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.
- CORREA, Manoel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1926.
- CRUZ, G. L. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; SILVEIRA, Alzira Malaquias da (Coord.). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba, PR: Positivo, 2004.
- FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe: (Cartas I-XI e I-156)*. Salvador: Aracaju: UFBA, FUNDESC, 1987.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FRANCO, Cid Barros. *Dicionário de expressões populares brasileiras*. São Paulo, SP: Unidas, [19--?].
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva: 2009.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Uma leitura da carta 99 do Atlas prévio dos falares baianos. In: Carlota Ferreira. (Org.). *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: UFBA/PROED, 1988, v. 1, p. 53-66.
- VASCONCELLOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3. ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.